

# Os Jogos Interaliados de 1919: o papel das Forças Armadas estadunidenses na promoção do esporte no contexto da Primeira Grande Guerra\*

The Inter-allied Games 1919: the role of US armed  
forces in the promotion of sport in the context of  
the First World War

**Karina Cancellla**

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista da Capes –pesquisadora do Sport – Laboratório de História do Esporte e do Lazer; especialista em Estudos Olímpicos pela International Olympic Academy; autora de livros e artigos sobre História do Esporte Militar.*

## RESUMO

Atualmente, o esporte é um fenômeno presente no cotidiano das mais diversas instituições ao redor do mundo. As Forças Armadas não ficaram de fora desse contexto e ao longo do século XX passaram a promover não somente a prática do esporte de forma sistemática em suas corporações, mas também a organização de grandes eventos esportivos, como os Jogos Interaliados realizados em 1919 como celebração pelo fim da Primeira Guerra. Este artigo busca discutir, por meio da análise crítica de fontes históricas, o papel das Forças Armadas estadunidenses na organização do evento e os principais objetivos de promoção dos Jogos. As análises empreendidas possibilitaram a percepção de que a realização dos Jogos Interaliados e os bons resultados alcançados serviram

## ABSTRACT

Nowadays sports are a present phenomenon in the daily life of plenty of institutions all over the world and the Armed Forces have not been an exception in this global context. Throughout the twentieth century, not only have they systematically promoted sporting activities in their corporations, but they also organized major events, such as the Inter-Allied Games, held in 1919 as a celebration for the end of the First World War. This article aims to discuss, through the critical analysis of historical sources, the role of the US Armed Forces in the organization of this specific event and the main reasons for their doing so. Analyses have led to the perception that the promotion of the Inter-Allied Games as well and the good results achieved served as an instrument for

---

\* Artigo recebido em 15 de abril de 2016 e aprovado para publicação em 17 de maio de 2016.

como um instrumento de projeção internacional da imagem dos EUA no novo cenário político que emergia no pós-guerra.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do Esporte Militar. Jogos Interaliados. Estados Unidos da América

the international projection of the US image in the new political context which emerged after the end of the war.

**KEYWORDS:** History of Military Sports. Inter-Allied Games. United States of America

## INTRODUÇÃO

O esporte é na atualidade um fenômeno presente no cotidiano das mais diversas instituições ao redor do mundo. As Forças Armadas (FFAA) não ficaram de fora desse contexto. Ao longo do século XIX e especialmente no século XX, as aproximações entre militares e prática esportiva se ampliaram significativamente em diversas regiões do planeta. Entre finais do oitocentos e décadas iniciais do noventa, países como Inglaterra, Alemanha, França, Estados Unidos da América (EUA) e Brasil passaram a investir em programas de treinamento do corpo de suas tropas utilizando os esportes e as ginásticas com vistas a não somente desenvolver o aspecto físico de seus contingentes mas também o reforço da moral e da masculinidade (CANCELLA, 2014).

Dentre as ações de promoção das práticas esportivas pelo mundo, um dos elementos utilizados amplamente ao longo do século XX foi a realização de grandes eventos com a mobilização de públicos expressivos. Na década final do século XIX, por exemplo, foi iniciado o ciclo de organização dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, com primeira edição em 1896 na Grécia, e seguindo até os dias atuais com realização periódica a cada quatro anos. Os únicos episódios da história ao longo do noventa que interromperam esse ciclo de realização dos Jogos Olímpicos foram as ocorrências das duas grandes guerras. Os jogos planejados para ocorrerem em 1916, 1940 e 1944 não se efetivaram. (TOMECS, 2013).

A disseminação do papel dos eventos esportivos como instrumento de celebração e como espetáculo já havia alcançado, nas décadas iniciais do século XX, uma abrangência importante. (PRONI, 1998). Nesse sentido, ao final dos conflitos da Primeira

Grande Guerra, uma das ações para a comemoração da vitória foi justamente a realização de um grande evento esportivo com participação das Forças Armadas aliadas que foi nomeado, por fim, de "Jogos Interaliados" (TERRET, 1999).

Este trabalho, portanto, busca discutir o papel do esporte no cotidiano dos militares dos Estados Unidos da América no processo de preparação e ao longo do desenrolar da Primeira Guerra e os principais objetivos de organização e realização dos Jogos Interaliados na França no contexto pós-guerra.

A presente pesquisa transita nos campos da História do Esporte e da História Militar, enfocando suas análises em uma área de interesse identificada como "História do Esporte Militar", colocando em diálogo discussões características dos dois campos para a compreensão do desenvolvimento do fenômeno esportivo no contexto específico da organização militar (CANCELLA, 2014).

O campo de estudos específicos sobre a história do fenômeno esportivo tem se ampliado ao longo dos últimos anos e já é possível afirmar a consolidação de suas propostas, enfoques e abordagens de pesquisa. Como afirma Victor Melo, os estudos sobre a história do fenômeno esportivo ganharam maior projeção no Brasil no final da década de 1990 e principalmente nos anos 2000, sendo conduzidos "se não somente [...] por 'historiadores de formação', certamente por pesquisadores que, independente de sua filiação acadêmica original, procuram fazer uso das discussões metodológicas do campo da História" (MELO, 2007, p. 13).

No campo da História Militar, tradicionalmente vinculado à História Política e aos estudos das guerras e batalhas e das instituições militares, o movimento de renovação de objetos e interesses de pesquisa é também recente. Paulo André Paren-

te afirma que a História Militar brasileira, acompanhando os movimentos de renovação de temáticas e metodologias, passou a incorporar novos objetos e interesses em suas pesquisas discutindo as “múltiplas interfaces da História Militar, tais como social, institucional, cultural, econômica, tecnológica, religiosa, sociológica ou política, entre outras” (PARENTE, 2009, p. 3). As novas propostas dos estudos nesse campo não devem se restringir somente à História Batalha, mas inserir como pontos centrais de análise questões como:

[...] origens geográfica, social e familiar dos militares; influências educacionais; experiências administrativas das FFAA; relações familiares; participação dos militares nas redes políticas, econômicas e intelectuais tanto no interior dos quartéis como fora deles; estudo de relações entre as diferentes FFAA; inserção das instituições militares no cotidiano das diferentes regiões do País; estudos sociais de gênero; análises das origens socioeconômicas das diferentes camadas hierárquicas; mentalidade militar em diferentes momentos históricos; relação entre a guerra e a sociedade; estudos dos símbolos, gestos, comemorações, cantigas e elementos presentes na memória militar; construção dos “vultos”, dos ícones. (CANCELLA, 2013, p. 5).

Ao listar as novas possibilidades de objetos de estudo na História Militar, Parente não faz referência direta às práticas de atividades físicas ou esportivas. No entanto:

[...] no amplo universo de temáticas que tem emergido neste campo e levando em consideração a ampliação da relevância dos estudos sobre esporte na atualidade, considero que este movimento (o esporte) seja um objeto de importância significativa para a compreensão das relações das instituições militares com as questões do corpo e das competições através do esporte. (CANCELLA, 2013, p. 5).

Arnaud Waquet, em sua tese de doutorado defendida em 2010, aponta que o tema “esporte e guerra” somente recentemente passou a chamar a atenção dos historiadores. O autor destaca o nonagésimo aniversário do início dos conflitos como o momento em que outros aspectos relacionados à Primeira Guerra passaram a ser abordados, entre eles o esporte. Afirma já identificar um crescimento nos estudos sobre o tema desde meados dos anos 2000, apresentando obras e eventos que se dedicaram à temática, e uma real possibilidade de ampliação das pesquisas sobre as relações entre esporte e guerra nessa década, principalmente no período de 2014-2018 (centenário da Primeira Guerra). Realizando uma importante revisão dos estudos sobre a guerra, o autor comenta que a historiografia da Grande Guerra seria caracterizada em três fases:

[...] da história militar e diplomática (do entre guerras e até os anos 1960), à história social (dos anos 1960 aos anos 1990) e, finalmente, mais recentemente, à história cultural. A transição da história militar para a história social marca uma ruptura na história da Grande Guerra; o acesso a novas fontes coloca em questão, às vezes violentamente, a história escrita nos anos anteriores. A transição da história social para a história cultural, por sua vez, foi mais naturalmente. Na década de 1990, a história vista por políticos, generais, soldados e civis abriu caminho para o estudo da guerra através da literatura, das artes plásticas e do cinema. A mudança da historiografia da Guerra Mundial para a história cultural ocorre em paralelo à entrada das ciências sociais na história da guerra; é o caso, por exemplo, da antropologia. (WAQUET, 2010, p. 16).

O corpus documental selecionado para esta pesquisa compreende fontes das categorias documentais e impressas (PINSKY, 2006), pois foram as que se apresentaram mais profícuas para as discussões propostas, analisadas a partir do método de “aná-

lise crítica de documentos". Esse método é empreendido em duas etapas: a crítica externa, a fim de identificar a efetiva relação da produção com a datação do documento informada; e a crítica interna, na qual é observado o conteúdo informado na fonte, o objetivo de produção do documento, as características do produtor e as circunstâncias em que foi produzido, além de seu público alvo. (CALADO; FERREIRA, 2005). Para a categoria "fontes impressas" foram ainda observadas as sugestões metodológicas de Tânia de Luca (2006) para o uso da imprensa em pesquisas históricas.<sup>1</sup>

Importante ainda pontuar que, ao longo deste trabalho, sempre que for referenciado o termo "esporte", estaremos tratando pela perspectiva do conceito de "esporte moderno", compreendido a partir das análises de Victor Melo. O autor, ao discutir as diferentes fases de construção do conceito ao longo dos séculos XVIII a XX, apresenta como características principais desse fenômeno:

- Organiza-se em entidades representativas (locais, nacionais e internacionais); o *club*, que se delinea nos "coffee shops" e "public houses" ingleses do século XVIII, será a unidade fundamental de estruturação. A palavra surgiu no século XIII e é somente no século XVII que ganhou a acepção de associação de pessoas para um fim em comum. Os clubes se estruturaram como bases da sociedade civil, uma forma de conformar novas identidades (de categoria, de classe, nacional, regional, local). [...]
- Possui um calendário próprio, já não mais seguindo estritamente outros tempos sociais ou rituais.
- Envolve um corpo técnico especializado cada vez maior (treinadores, preparadores físicos, dirigentes, gestores, psicólogos, médicos, entre muitos outros).
- Gera um mercado ao seu redor, que extrapola até mesmo o que a princípio poderia ser considerado específico da prática esportiva (MELO, 2010, p. 4).

O processo de sistematização e organização das práticas esportivas é, portanto, um movimento característico da modernidade, desenvolvendo-se principalmente na sociedade inglesa do século XVIII e difundindo-se pela Europa e por todas as regiões do mundo onde exerciam influência. Essas práticas e processos foram incorporados, assimilados e ressignificados por diversos grupos sociais nas diferentes localidades onde se estabeleceram a partir do oitocentos.

## O ESPORTE E AS FORÇAS ARMADAS ESTADUNIDENSES

Para que seja possível compreender a importância atribuída ao esporte no cotidiano dos militares estadunidenses no contexto da Primeira Guerra, faz-se necessário o estabelecimento de uma breve discussão sobre como as relações entre esporte e militares foram estabelecidas naquele país.

A principal publicação existente sobre tal temática, a obra *Playing to win: sports and the American Military 1898-1945*, de autoria de Wanda Wakefield e publicada em 1997, defende que nos Estados Unidos, assim como no restante do mundo ocidental, a cultura esportiva apresentou maior desenvolvimento no final do século XIX, beneficiada pelas melhorias no transporte, pelo crescimento dos meios de comunicação, pela urbanização e industrialização. Em 1898, por exemplo, o esporte já fazia parte do calendário nacional e garantia atenção de diferentes grupos da população para competições de beisebol e futebol americano. (WAKEFIELD, 1997).

No entanto, a maior aproximação dos militares dessas práticas somente ocorreria na entrada dos Estados Unidos no conflito com a Espanha, conhecido como Guerra Hispano-Americana, pelo controle das colônias espanholas no Golfo do México no ano de 1898. Segundo a autora, após a derrota da Espanha no conflito, os comandantes americanos criaram intencionalmente oportunidades para os soldados e marinheiros praticarem beisebol, corrida e experiências com outras competições atléticas. Analisando a introdução sistemática das práticas esportivas no cotidiano dos militares em combate,

Wakefield (1997) discute os casos das campanhas em Cuba, nas Filipinas e nas duas Guerras Mundiais. A autora observa que o esporte foi defendido pelos comandantes das FFAA dos EUA inicialmente como elemento de distração saudável, sendo sempre enfatizada a necessidade de afastamento de práticas consideradas ilícitas pelos comandos, como ingestão de bebidas alcoólicas, envolvimento com prostituição e jogos de azar. No entanto, observações atentas sobre as atividades físicas já vinham chamando a atenção dos militares, tendo sido criado em 1914 o primeiro Manual de Treinamento Físico no US Army com objetivo de garantir processos de treinamento físico igualitários para todos os homens que poderiam servir em guerras.

Wakefield (1997) ainda aponta as análises do Departamento da Guerra sobre a inserção dos programas esportivos no cotidiano das FFAA estadunidenses. De acordo com essas análises, o esporte poderia desenvolver boas habilidades físicas nos militares e estimular o desenvolvimento do respeito e admiração por quem apresentava as melhores habilidades físicas em suas unidades. Por outro lado, se a rivalidade criada nas competições esportivas entre os soldados-atletas não fosse controlada, poder-se-ia colocar em perigo a lealdade e coesão necessárias aos grupos em combate. A partir da publicação do Manual em 1914, o esporte passou a ser defendido como um elemento útil para ensinar aos soldados a cooperar uns com os outros, se identificar com os membros de seus times e reconhecer os laços comuns. Participando ou assistindo a competições esportivas, eles aprenderiam a passar por adversidades não somente no campo de jogo mas também no campo de batalha. Os esportes e as competições esportivas, com as determinações desse documento publicado em 1914, garantiram seu espaço como parte integral da vida militar nas FFAA dos Estados Unidos. (WAKEFIELD, 1997).

O argumento de defesa da prática esportiva entre os militares como elemento de promoção de bons hábitos e boa ordem foi reforçado no processo de preparação dos EUA para o ingresso na Primeira

Grande Guerra. Paralelamente a esse movimento em defesa do esporte, os grupos que defendiam a moralização da sociedade e buscavam a proibição de venda de bebidas alcoólicas e da prostituição ganharam força no processo de organização do United States Army e United States Navy para o embarque para o cenário de operações. Utilizando o argumento de estarem em tempo de guerra emergencial e do significativo aumento dos acampamentos de treinamento militar, esses grupos moralistas intensificaram as pressões para proibir a prostituição, pois seria um risco para a saúde e segurança dos soldados e também por ser um atrativo para jovens mulheres que viviam no entorno dos acampamentos como uma possibilidade de recebimento por favores sexuais. (WAKEFIELD, 1997).

Essas proibições se baseavam na defesa de que as energias dos jovens deveriam ser direcionadas unicamente para o preparo para as batalhas. Nesse contexto, o esporte era uma prática recreativa desejável e moralizante, uma vez que possibilitava a distração dos soldados e, ao mesmo tempo, melhorias do condicionamento físico, das relações interpessoais e do companheirismo, além de serem instrumentos para reforço da masculinidade. (WAKEFIELD, 1997).

Nos acampamentos de treinamento, algumas entidades civis atuavam para desenvolver atividades entre os soldados. A Young Men's Christian Association (YMCA)<sup>2</sup>, por exemplo, enviou representantes que organizavam aulas sobre a *Bíblia*, grupos de canto, jogos e competições esportivas, atuavam como árbitros em lutas de boxe, auxiliavam jovens soldados com pouca instrução a escrever cartas, entre outras distrações vistas como sadias pelos comandos das FFAA. (WAKEFIELD, 1997).

Ao longo da atuação na Primeira Guerra, as FFAA dos EUA organizaram entre seus militares inúmeros eventos esportivos em diferentes modalidades como beisebol, atletismo, boxe, futebol americano, além da criação de competições para exercícios militares específicos como lançamento de granada, atividades de ordem unida, manipulação de armas e exercícios de companhia. (WAKEFIELD, 1997).

Além dessas atividades com intuito recreativo, o esporte ainda foi utilizado na front como forma de treinamento de habilidades militares de forma mais "agradável". Ao treinar o beisebol, os militares eram lembrados que o lançamento das bolas era similar ao processo de lançamento de granadas. Para que os soldados aprendessem a utilizar as máscaras de gás em combate, eram realizados extensos treinamentos com jogos de beisebol, momentos em que os militares jogavam as partidas utilizando as máscaras sob os argumentos de que se conseguissem utilizar o instrumento no "campo de jogo", poderiam utilizá-lo sem problemas no "campo de batalha". Para encorajar os soldados a se sentirem confortáveis com as agressões que enfrentariam na guerra, as regras do boxe foram alteradas com a redução do tempo dos *rounds* para que não ocorresse a estagnação durante a luta, aumentando a intensidade do combate. (WAKEFIELD, 1997).

O esporte foi elemento presente e constante no cotidiano dos militares estadunidenses ao longo das primeiras décadas do século XX, sendo utilizado sob diferentes objetivos. Com o fim dos conflitos da Primeira Guerra em 1918, as Forças Armadas envolvidas nos eventos iniciaram o processo de desmobilização e retorno para seus países. Como forma de celebração da vitória dos Aliados, Elwood S. Brown, Diretor do Departamento de Atletismo da YMCA, escreveu ao Coronel Bruce Palmer, membro da equipe do General John Pershing (comandante da Força Expedicionária Americana na Primeira Guerra), informando que a entidade poderia organizar em conjunto com as FFAA competições esportivas entre os aliados como forma de celebração e reforço dos hábitos saudáveis entre os militares. (TERRET, 1999). No próximo item, serão analisados e discutidos o processo de organização desse evento, o papel das Forças Armadas estadunidenses naquele cenário e as repercussões da realização dos Jogos Interaliados entre os franceses.

## OS JOGOS INTERALIADOS DE 1919

As Forças Armadas dos EUA ingressaram nos conflitos da Primeira Guerra no ano

de 1917 com a formação da Força Expedicionária Americana (FEA) sob comando do General John Pershing. O comandante, em relatório apresentado ao Secretário de Guerra dos Estados Unidos sobre as ações desempenhadas no período entre 26 de maio de 1917 até a assinatura do armistício em 11 de novembro de 1918, relatou que, após receber a designação para a missão, selecionou uma pequena equipe e seguiu para a Europa para se familiarizar com as condições do conflito. A equipe, segundo sua percepção, foi recebida de forma calorosa pelos militares ingleses e franceses<sup>3</sup>. Foram, então, discutidas as ações de apoio que seriam oferecidas pelos EUA. Após debates e análise da situação, foi definido que:

[...] nossa divisão de combate deve ser composta de quatro regimentos de infantaria de 3.000 homens, com três batalhões para cada regimento e quatro companhias de treinamento com 250 homens cada para cada batalhão, e de uma brigada de artilharia de três regimentos, um batalhão de metralhadoras, um regimento de engenharia, uma bateria de morteiro de trincheira, um batalhão de sinal, trens de vagão, uma sede e polícia militar. Estes, com médicos e outras unidades, fizeram um total de mais de 28.000 homens, ou praticamente o dobro do tamanho de uma divisão francesa ou alemã<sup>4</sup>.

A entrada dos EUA na Primeira Guerra reforçou as preocupações com os momentos de tempo livre das tropas em serviço, uma vez que teriam grandes somas de jovens homens americanos sendo mobilizados para o conflito e, caso esses jovens encontrassem formas de diversão somente nas cidades no entorno dos acampamentos, todo o esforço de guerra poderia ser comprometido. (MENNELL, 1989).

Após discussões dos comandos, identificou-se que a melhor forma de controlar os vícios no interior das instalações militares seria prover formas de recreação organizadas nos campos. Foi então criada a Commission on Training Camp Activities para supervisionar atividades de lazer, incluindo

esportes, no US Army. Pouco tempo depois, a Marinha também criou uma comissão com função semelhante. Foram nomeados diretores esportivos em cada um dos campos para a localização de treinadores para equipes esportivas que eles considerassem adequadas. (MENNELL, 1989).

Essas comissões internas das FFAA em parceria com entidades civis, como a YMCA, foram as responsáveis por promover a prática de atividades esportivas e competições em diversas modalidades entre os militares dos EUA tanto nos campos de treinamento ainda em território americano como no *front* europeu da Primeira Guerra. O esporte foi parte integrante do cotidiano das FFAA estadunidenses durante todo o período de mobilização. Posteriormente, essa organização passou a ser observada como um modelo a ser seguido pelas demais forças envolvidas no conflito.

Conforme pontuado anteriormente, com o fim dos conflitos, Elwood Brown, integrante do Comitê Olímpico Internacional e Diretor Atlético da YMCA, apresentou ao General Pershing a proposta de realização dos Jogos Interaliados, um evento esportivo que envolveria todas as Forças Armadas aliadas durante o conflito para a celebração da vitória por meio de competições esportivas. A Força Expedicionária Americana ficaria responsável pela organização do evento. (BUCHANAN, 1998).

O relatório final dos Jogos Interaliados registra a história do evento, que foi considerado pelos autores do documento como algo sem precedentes nos anais do esporte mundial. O evento marcaria o fim da guerra e o "início, nesta festa única de amor de diversas raças e nacionalidades, da maior e mais esperançosa paz que o mundo ainda não conheceu".<sup>5</sup>

Os Jogos, segundo o documento, originaram-se das experiências realizadas em Manila, nas Filipinas, por Elwood Brown, anos antes onde foram divulgadas as práticas de beisebol e voleibol entre os nativos. Brown estabeleceu contato com o Coronel Bruce Palmer em carta do dia 15 de outubro de 1918 para tratar sobre como seriam organizadas as ações para o período de desmobilização militar. As preocupações princi-

pais eram com relação aos aspectos morais, como é possível verificar no trecho a seguir:

De: Elwood S. Brown, do Departamento Atlético, YMCA, Paris.  
Para: Coronel Bruce Palmer.  
ASSUNTO: Programa Atlético para o Período de Desmobilização. Condições.

Paz, se for estabelecida amanhã ou muitos meses a partir de agora, deve nos encontrar num estado de preparação contra o inevitável período de relaxamento que deve ser estabelecido quando as hostilidades cessarem. Este período vai trazer um perigoso aumento das tentações morais, será um tempo de espera ansiosa para o dia de partida para a América e exigirá atividades corporais muito construtivas e interessantes se os perigos da expressão física desordenada devem ser evitados.<sup>6</sup>

A carta segue apontando as sugestões de atividades de Brown para os soldados dos EUA. A lista envolvia jogos de massa para serem jogados por todos os homens com possibilidade (Jogos Atlético para todos); campeonatos oficiais das Forças Expedicionárias Americanas para uma ampla variedade de esportes competitivos; manifestações esportivas em diferentes regiões para apresentar o melhor do esporte e da masculinidade física dos EUA aos militares aliados e concursos atléticos abertos aos soldados dos Exércitos aliados, fechando com uma grande "Olimpíada Militar". Logo após essas primeiras sugestões, Brown seguiu detalhando o programa atlético que tinha em mente para o período de desmobilização. Reforçava a necessidade de atividades recreativas para os homens, o estabelecimento de comissões de oficiais para conduzir os eventos esportivos militares, assim como a preparação de manuais de instrução para disseminar os ideais e programas de treinamento.<sup>7</sup>

O envolvimento da YMCA no desenvolvimento dessas atividades seria trazendo especialistas em eventos esportivos desse porte, introduzindo grandes grupos de homens nas várias competições e fornecendo

os trajes necessários para as competições atléticas. A associação também ficaria com a atribuição de buscar um estádio adequado, seria responsável pelos detalhes técnicos gerais e pelo fornecimento de prêmios simbólicos e artísticos. Já as FFAA dos EUA teriam como atribuições criar um comitê com autoridade para tratar com os oficiais franceses e autoridades locais sobre o uso de prédios ou campos; solicitar permissão para paradas ou outros itens requeridos pela organização; efetivar o treinamento dos homens que disputariam as competições pelos EUA; estabelecer convites formais às Forças Armadas para a participação nos eventos e a formação de um comitê-geral para trabalhar em conjunto com o comitê da YMCA.<sup>8</sup>

A organização de uma "Olimpíada Militar" reunindo os melhores atletas dos Exércitos seria, sem dúvida, um grande "cimento" nos laços de amizade entre os militares aliados por meio do esporte, segundo a visão de Elwood Brown. Para ele, "esportes internacionais desse tipo sempre desenvolvem respeito mútuo e compreensão."<sup>9</sup>

Como no momento de envio da carta ainda não havia uma real possibilidade de assinatura do Armistício, o documento foi arquivado para futuras utilizações. Assim que a guerra foi oficialmente encerrada, as conversações sobre a organização dos eventos esportivos foram retomadas. Por meio do envio da carta datada de 27 de novembro de 1918, comunicou-se que a YMCA estava pronta para "assumir a responsabilidade em promover, dirigir e financiar um dos itens sugeridos, que foi um grande conjunto de competições esportivas competitivas interaliadas que poderia ser chamado de 'Olimpíadas Militares'".<sup>10</sup> O documento sugeria que os convites fossem formalmente realizados pelo comandante em chefe da Força Expedicionária Americana aos comandantes em chefe dos Exércitos aliados. Sobre a organização e os objetivos a serem alcançados com a realização do evento, a carta ainda defendia que:

b. Na medida em que a FEA estaria preparada para ser responsável pela YMCA para a promoção,

direção e financiamento do projeto, não impondo nenhuma obrigação financeira aos outros Exércitos aliados a não ser os envolvidos no envio de seus atletas, é perfeitamente lógico para a FEA tomar a iniciativa em estender o convite.

c. Esses jogos seriam inestimáveis para ainda estreitar o entendimento mútuo e a amizade entre os soldados dos Exércitos aliados. Informações em mãos indicam que esses jogos seriam bem acolhidos por muitos oficiais ingleses, franceses, australianos e canadenses responsáveis pelo treinamento físico.

d. Esses jogos poderiam focar os interesses do mundo atlético em ambos, Europa e América; poderia dar uma impressionante ilustração do lugar das atividades atléticas no treinamento militar dos Exércitos aliados e poderia absorver o interesse de grande número de tropas durante o período um pouco inquieto esperando seu retorno para casa.<sup>11</sup>

Conforme foi possível perceber no documento transcrito acima, as questões relacionadas à estrutura dos jogos e ao seu financiamento ficariam a cargo da FEA e da YMCA, não onerando as FFAA aliadas a serem convidadas para a participação no evento. Era, portanto, um evento dos Estados Unidos realizado em território francês. Além disso, outro ponto destacado no documento era a visibilidade que um evento desse porte traria para a Europa e "América", em referência não ao continente como um todo mas aos Estados Unidos especificamente. Esse ponto é importante uma vez que os Jogos Interaliados foram, posteriormente, divulgados na imprensa francesa como um grande exemplo de força e de poder dos estadunidenses em relação aos demais militares envolvidos nos Jogos. Suas formas de treinamento e preparação foram apresentadas como as mais eficazes do mundo e passaram a ser defendidas pelos franceses como o modelo a ser adotado caso a França almejasse ser de fato uma potência esportiva. O esporte foi, portanto, um instrumento de política cultural exter-

na dos EUA e de divulgação do *american way of life*, como já realizado em outras ocasiões ao longo das campanhas militares na América Latina e na Ásia desde fins do século XIX. (GEMS, 2001; 2006). O conceito de “política cultural externa” adotado neste estudo é o definido por Hugo Suppo e Mônica Lessa como:

[...] um conjunto de ações planejado para amparar e/ou fomentar os laços entre as nações. Ela contribui com a difusão e venda dos produtos culturais – da língua nacional ao produto de luxo; do produto cultural por excelência, o livro, às obras artísticas alçadas a patrimônio cultural nacional de exportação (teatro, ópera, dança, música, artes plásticas, cinema). Visa também estabelecer cooperações técnicas e científicas, intercâmbios e acordos universitários, difundir autores e ideias por meio de conferências, seminários ou cursos, e organizar comemorações internacionais [...] e eventos em caráter transnacional: exposições, feiras de livros, festivais de cinema e exposições itinerantes [...] (SUPPO; LESSA, 2007, p. 244-245).

No estudo citado, os autores não consideraram a prática esportiva entre os elementos culturais mobilizados politicamente pelos Estados. No entanto, pela importância alcançada pelo fenômeno no cenário mundial ao longo do século XX e pelos exemplos do uso político do esporte, considera-se aplicável o conceito de “política cultural externa” no estudo em tela. Ademais, se ao lado dos termos “teatro” e “dança”, por exemplo, constasse também “esporte” ou juntamente com “exposições” e “festivais de cinema” fossem inseridos “campeonatos esportivos internacionais” e “Jogos Olímpicos”, as considerações dos autores em nada se mostrariam inadequadas.

Como foi possível perceber até este ponto por meio das fontes documentais, as preocupações mais presentes nos discursos institucionais dos estadunidenses estavam ligadas à ocupação “saúdavel” do tempo livre dos militares que aguardavam o

retorno para casa. Na proposta inicial, os Jogos deveriam ocorrer no mês de abril, mas só se realizaram de fato entre junho e julho de 1919 devido ao tempo necessário para o preparo de toda a estrutura dos Jogos. Inicialmente, foi levantada a proposta de utilizar o Estádio Colombes, palco principal dos Jogos Olímpicos de 1900 em Paris, como sede. No entanto, foi decidido pela construção de um novo estádio para os Jogos Interaliados. O espaço de Colombes foi utilizado como campo de treinamento e realização de competições internas da FEA e somente para as partidas de rúgbi durante os Jogos Interaliados.

Em 29 de dezembro de 1918, foi publicada a Ordem Geral nº 241 do Quartel-General da FEA que versava sobre a organização dos eventos esportivos:

O comandante em chefe dirige a atenção de todos os interessados para a importância de incentivar o desenvolvimento de atividades atléticas gerais e competitivas, com a finalidade de manter a moral, promover e desenvolver a organização, *esprit de corps*, e melhorar a aptidão física do Exército.<sup>12</sup>

Sobre o programa de competições atléticas, a Ordem apontava que cada Exército, corpo e divisão deveria definir oficiais com conhecimento nas práticas como responsáveis pela condução geral das atividades atléticas em suas unidades. Defendia ainda que os comandantes deveriam estar atentos à seleção de homens que tivessem demonstrado aptidão especial para o trabalho com esporte antes ou depois de suas entradas no serviço militar.<sup>13</sup>

O documento também levantava a necessidade do estímulo, de forma coerente com os deveres militares, de competições atléticas de todos os tipos, especialmente aquelas que envolvessem o maior número de participantes possível. Seria o que o documento chamou de “jogos de massa”, que teriam os programas publicados pelo Quartel-General e envolveriam atividades como: “vôlei, beisebol *indoor*, cabo de guerra, *cross-country*, revezamento, obstáculo, resgate,

equipamento, transporte, corrida de saco, pular carniça, e outros esportes".<sup>14</sup>

Além dos jogos citados acima, seriam também organizados campeonatos atléticos oficiais da FEA. Esses seriam compostos por competições de atletismo, beisebol, futebol americano, basquete, tênis, boxe e luta livre e seguiriam um sistema de eliminatórias, culminando com séries de finais que selecionariam os vencedores dos campeonatos de divisão. O documento defendia que fosse permitido a todos que representassem suas unidades com a finalidade de treinamento físico e desenvolvimento do jogo em equipe.<sup>15</sup> Essas competições internas serviriam também ao propósito de selecionar os melhores atletas para a composição da delegação dos EUA que participaria dos Jogos Interaliados.<sup>16</sup>

As negociações para a organização dos jogos foram estabelecidas entre a FEA e a YMCA por meio de correspondências oficiais entre as instituições já nos meses finais de 1918, como vimos até este ponto. Nesses documentos, foram debatidas as bases para a definição das atribuições de responsabilidades com relação aos eventos e também os programas e calendários de atividades. Foi estabelecido que de fato a participação das delegações seria efetivada por meio de convites diretos do comandante em chefe da FEA aos comandantes em chefe dos Exércitos aliados. Do ponto de vista organizacional, seria estabelecido um comitê-geral da FEA para os Jogos que atuaria em conjunto com os Diretores Atléticos da YMCA. Esse comitê seria a entidade decisória e a autoridade final em todos os assuntos relativos ao evento. Para compor tal comissão, seriam ainda convidados dois delegados de cada Exército participante para a formação de um Conselho Consultivo com função de apresentar as propostas ao Comitê organizador e dar toda a assistência geral possível visando ao sucesso das competições.<sup>17</sup>

Sobre as principais motivações para a realização do evento e seus benefícios mais evidentes, segundo o ponto de vista dos organizadores estadunidenses, considerou-se que:

Os Jogos forneceriam um esplêndido incentivo para os nossos

próprios atletas americanos para entrar em grande parte nos campeonatos da FEA como, normalmente, os homens e equipes vencedoras nestas competições iriam ganhar a honra de representar o Exército americano nas grandes competições interaliadas.

Este projeto, se aprovado, vai trazer resultados reais em termos de eficácia física, interesses no atletismo em geral, orgulho das habilidades físicas, bem como respeito mútuo e entendimento entre os soldados dos Exércitos dos Aliados.<sup>18</sup>

Uma problemática, no entanto, foi identificada quanto à liderança dos EUA na organização dos Jogos em Paris, conforme podemos verificar no trecho transcrito a seguir:

O comandante em chefe estava em forte simpatia com as propostas dos Jogos a partir do dia em que a ideia foi apresentada pela primeira vez. Mas ele foi confrontado com uma dificuldade. Se ele aceitar as sugestões da YMCA e convidar as nações aliadas a entrar com seus atletas militares nos Jogos como comandante em chefe de um Exército americano na França, ele estaria na posição de uma pessoa que convida seus amigos a uma festa na casa de outro homem sem primeiro garantir que esse recebimento seria aceitável para o proprietário. Antes que qualquer um desses convites possa ser estendido, [...] tornou-se necessário verificar se tal procedimento seria aceitável para o Exército francês e para o Governo [...]<sup>19</sup>

O documento ainda afirma que existiam poucas dúvidas quanto ao aceite e apoio do governo e das FFAA francesas, mas ainda assim foram estabelecidos contatos com entidades e autoridades sobre o caso. A YMCA entrou em contato com o Comité Nationale d'Education Physique, Sportive et de l'Higiene Social solicitando que verificasse junto ao Marechal Pétain seu parecer sobre a realização do evento. Em carta enviada ao militar, a entidade defendeu que via com

bons olhos a realização do evento uma vez que auxiliaria na “difusão da prática saudável da educação e da higiene física, que é a base do seu programa para a regeneração da raça francesa”. Destacaram ainda que favoreceria o desenvolvimento de “irmandade pelo desporto” com os demais países e uma rivalidade saudável entre as unidades militares, com atividades que manteriam a forma física e seriam “uma excelente influência moral para os soldados, a quem a cessação das hostilidades transferiu de repente da vida intensa da batalha para o período de espera da desmobilização.” A entidade francesa ainda pontuou que seria vantajoso, já que todos os custos seriam cobertos pelos EUA e o estádio construído e utilizado durante os Jogos “ficaria sem custo à disposição da juventude francesa, como um testemunho permanente da amizade indelével unindo as duas democracias”.<sup>20</sup> Sobre essa questão, foi enviado ofício datado de 7 de janeiro do Comitê Nationale ao Diretor do Departamento Atlético da YMCA informando o aceite por parte do governo francês e do comandante em chefe das tropas francesas, Marechal Pétain, para a organização do evento nos termos propostos pela YMCA e pela FEA.<sup>21</sup>

O relatório publicado pelo comitê organizador é composto por 554 páginas com informes detalhados de todo o processo de preparação e realização dos eventos esportivos dos Jogos Interaliados. Nesse documento, são apresentadas as participações dos países aliados convidados nas provas e ações administrativas. O General Pershing enviou convite às 29 nações, colônias e territórios integrantes das Forças Aliadas na Primeira Guerra para participação no evento.<sup>22</sup> O convite apresentava o seguinte teor:

Forças Expedicionárias Americanas

Gabinete do Comandante em Chefe.

10 de janeiro de 1919.

Senhor :

Os oficiais e soldados das Forças Expedicionárias Americanas, sendo profundamente gratos pelas relações esplêndidas que existem entre aqueles que têm su-

portado os braços em uma grande causa comum, e que, no presente caso, tem a felicidade de desenvolver sentimentos profundos de mútuo respeito e admiração, estão muito ansiosos para preservar e fortalecer essa relação em todos os sentidos possíveis.

Agora que as operações militares ativas cessaram, eles acreditam que nada poderia ser mais propício para este fim do que reunirem-se em competição amigável no domínio do desporto representantes dos Exércitos de cada uma das nações que têm por todo esse tempo lutado juntas.

Assim, eles decidiram organizar um Encontro Atlético Interaliado, a ser realizado no Estádio Colombes, Paris, durante o mês de maio ou junho de 1919, em que os oficiais e homens de todos esses Exércitos serão elegíveis para tomar parte.

Como Comandante em Chefe das Forças Expedicionárias Americanas, tenho a honra, portanto, de convidar, através de você como seu comandante em chefe, os oficiais e os homens dos Exércitos na França para participar nestes concursos e para expressar a sincera esperança de que muitos deles possam fazê-lo, de modo que os laços de espírito muito acalentado de camaradagem que surgiram a partir do esforço conjunto galante de nossas forças no campo de batalha possa assim ser ainda mais estreitamente cimentado.

Respeitosamente,

John J. Pershing.<sup>23</sup>

Os seguintes países aceitaram formalmente a participação nos Jogos Interaliados: Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, França, Grécia, Guatemala, Hedjaz, Itália, Nova Zelândia, Portugal, Romênia, Sérvia e Tchecoslováquia.<sup>24</sup>

A China aceitou primeiramente, mas depois rejeitou. Em correspondência de 5 de maio de 1919, o chefe da delegação chinesa informou que infelizmente não seria possível enviar equipes para as competições, mas que o país estava doando três taças

para servirem de premiação no evento: uma taça de ouro em nome do General Chin Yun Pen, Ministro da Guerra; uma taça de prata em nome de H.E. Lou Lseng Tsiang, chefe da delegação de paz chinesa e um vaso chinês em nome de H. E. Hoo Wei Teh, Ministro chinês para a França.<sup>25</sup>

No caso brasileiro, não foi claramente apresentado na resposta do General Napoleão Felipe Aché a possibilidade do envio de atletas para a participação nas competições. O General apenas colocou-se pessoalmente à disposição para auxiliar na realização dos Jogos. Como desdobramento desse ponto, é possível verificar ao longo do relatório que somente são mencionados integrantes das FFAA brasileiras em funções de administração e organização e não como esportistas nas competições. No que seria uma "seção de ligação", é referenciada a participação do militar brasileiro Capitão George A. Gordon e no comitê consultivo dos Jogos, o Major Breant. É ainda mencionada a presença do General Aché durante o evento, tendo inclusive fotografia publicada no relatório ao lado do General Pilot (França), conforme legenda da imagem.<sup>26</sup>

O Comitê dos Jogos Interaliados se reuniu em 19 de abril de 1919 na Avenida de Montaigne em Paris para a organização e divisão dos trabalhos sob a condução da Força Expedicionária Americana. Participaram da reunião os organizadores e os membros do comitê consultivo e foram estabelecidos os responsáveis por cada modalidade e setores das competições. Foram englobadas áreas técnicas (atribuições de prover espaços para os eventos, equipamentos e suprimentos; setor médico) e área geral (responsável por lazer e entretenimento; cerimônias e paradas; prêmios; imprensa e publicidade; distribuição de tíquetes).<sup>27</sup>

Os critérios para participação no evento definiam que somente seriam elegíveis aqueles homens, integrantes das Forças Armadas Aliadas, que tivessem participado em qualquer momento da guerra, entre 4 de agosto de 1914 e 11 de novembro de 1918. Não foi levada em consideração a discussão sobre esportistas amadores e profissionais.<sup>28</sup>

Conforme pontuado na introdução deste artigo, foram analisadas fontes das ca-

tegorias documentais e impressas para as discussões propostas. Para debater as repercussões da realização dos Jogos Interaliados em cenário francês, foram selecionados dois periódicos especializados em esporte publicados entre 1918 e 1919 e disponíveis na Bibliothèque Nationale de France: o jornal *L'Auto*<sup>29</sup> e a revista ilustrada *La Vie au Grand Air*.<sup>30</sup>

Todo o processo de organização e realização do evento foi amplamente noticiado nos dois periódicos. Inicialmente, foi nomeado pela imprensa de *L'Olympiade Pershing*, denotando a representatividade do comandante da Força Expedicionária Americana naquele panorama. O uso dessa nomenclatura, tanto para o evento como para o estádio posteriormente, pode ser compreendida como mais uma ação de política cultural externa dos EUA para reforçar sua imagem em panorama europeu naquele momento bastante conturbado, projetando ainda mais a sua presença frente às nações envolvidas no evento. Foi também identificada a nomenclatura de "Olimpíadas Militares" antes da formalização do nome oficial de "Jogos Interaliados".

Em abril de 1919, o jornal *L'Auto* publicou uma gravura de como seria o Estádio Pershing acompanhado da seguinte legenda:

A França será dotada de um magnífico terreno de esportes graças à generosidade de nossos aliados, os americanos. Ao centro do Estádio Pershing, que tem 229 metros de comprimento e largura de 152 metros, há um campo de grama para o futebol e os esportes atléticos. Esse terreno está cercado por diversas pistas de corrida, uma com 5 metros de largura, e por uma pista de ciclismo. À direita e atrás dessas pistas, diversos pórticos de cimento armado foram planejados para os exercícios de combate. O estádio tem 21.150 lugares, sendo 5.400 cobertos, 2.275 de frente e 15.465 populares.<sup>31</sup>

Ainda sobre a construção do estádio, o mesmo jornal, em 15 de junho de 1919, publicou a seguinte nota:

O trabalho do estádio foi confiado primeiro a dois empresários: M. M. Buisson e Giffard e começou em 25 de fevereiro. Tudo funcionou corretamente, até o dia 1o de maio, dia em que os trabalhadores “conscientes e organizados” entraram em greve. Imediatamente, a YMCA tomou o assunto em mãos e substituiu nossos trabalhadores por 4.000 soldados americanos e 300 soldados franceses. O orçamento previsto de 450.000 de francos foi largamente ultrapassado e espera-se que o custo total deva chegar a 2 milhões.

Este é, obviamente, um acréscimo e temos de agradecer aos nossos amigos americanos por sua generosidade. Acrescentamos que os Coronéis Johnson, Goodrich e Souergon, dirigiram os trabalhos de desenvolvimento em conjunto com o Capitão Gerbault.

Esperemos que os jogos comecem em 22 de junho na presença do General Pershing e do Presidente da República, e terminem em 6 de julho. Para o 4 de julho (Dia da Independência) um programa gigantesco foi organizado.

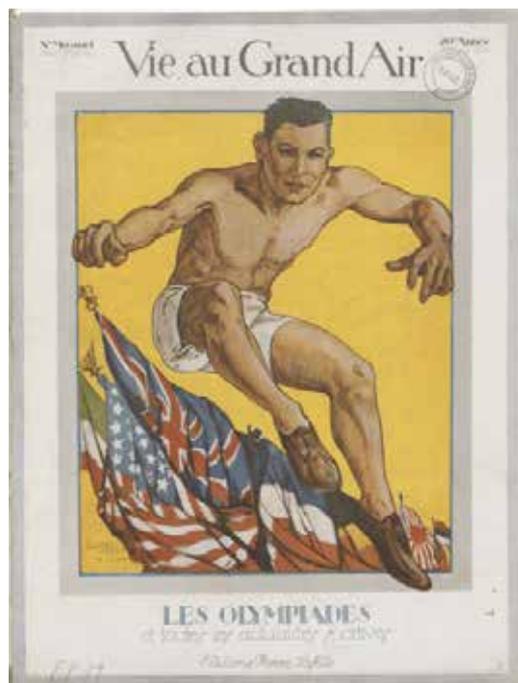
Lembre-se que 27.500 pessoas podem estar sentados nos degraus do estádio e a entrada é absolutamente livre. Para evitar o congestionamento ao redor da arena, será fornecido um cartão a cada pessoa. Iremos anunciar amanhã onde podemos obter esses cartões. Os militares fardados podem entrar sem qualquer outra formalidade.<sup>32</sup>

Os trabalhos seguiram sendo realizados dia e noite com três equipes se revezando de oito em oito horas. O estádio deveria estar completamente pronto no dia 22, dia de abertura do evento, e seu tempo total de construção levaria menos de três meses.<sup>33</sup> A inauguração foi de fato realizada no dia 22 de junho contando com a presença de autoridades civis e militares.<sup>34</sup> Aguardava-se a participação de cerca de 1.500 esportistas militares nos eventos.<sup>35</sup>

Entre 22 de junho e 6 de julho, os Jogos Interaliados foram oficialmente realizados em Paris. O Estádio Pershing recebeu as cerimônias de abertura e de en-

cerramento, exibições especiais e as provas das seguintes modalidades: atletismo (que envolveu, dentre as provas clássicas de pista e campo, a prova de lançamento de granada, de maratona modificada e *cross country*), beisebol, basquete, boxe, luta livre, hipismo, esgrima, futebol, tênis, cabo de guerra e exibições de “jogos de massa”. As competições de rúgbi foram realizadas no Estádio de Colombes e as provas de natação e polo aquático na Lagoa St. James no Bosque de Bolonha. O golfe em La Boullie, um campo de golfe privado em Paris, e rifle e pistola em Le Mans. O remo começou somente após 6 de julho. As competições de golfe também continuaram após a cerimônia de encerramento.<sup>36</sup>

Na edição de 7 de julho de 1919, o jornal *L'Auto* publicou a matéria “Le Stade Pershing aux Français – la journée de clôture” informando sobre a cerimônia de encerramento dos Jogos. Foi realizada a entrega de prêmios



Capa da edição de 15 de julho de 1919 da revista francesa *La Vie au Grand Air* com a reprodução do cartaz do evento.<sup>37</sup>

aos vencedores das provas e, após, com a presença das tropas enfileiradas e sob um “silêncio religioso”, foram executados os hinos dos EUA e da França. O General Pershing e o General Sée se reuniram no centro da pista para o hasteamento da bandeira francesa. Com esse gesto, o estádio foi oficialmente entregue ao povo francês pelos estadunidenses. Os espectadores presentes saudaram com aplausos e gritos de “Viva a América” e “Viva a França”.<sup>38</sup> Ainda sobre a entrega do estádio e os “benefícios” deixados pelas FFAA dos EUA, o mesmo jornal publicou matéria em 15 de julho com o seguinte teor:

Os americanos merecem o nosso reconhecimento, menos talvez por causa do valor material do presente do que pela excepcional contribuição para a popularização do desporto na França. O número de espectadores, que veio curioso para assistir como a um circo as exposições americanas, voltou para casa surpreso e encantado; eles voltaram; eles estão agora conquistados pela causa desportiva.

[...]

Na classificação geral de atletismo, EUA tirou o primeiro lugar: o seu total de pontos é igual a duas vezes a de todos os seus concorrentes juntos. Foi a França que se classificou atrás deles, e podemos dizer que nossos representantes não estão longe de ter fornecido o melhor resultado que poderia ser esperado deles.

[...]

Graças aos americanos, os organizadores dos Jogos Interaliados, foi feito na França este ano para o atletismo mais do que nós nunca tínhamos feito; uma multidão de atletas e neófitos está interessada; o caminho está agora mapeado; precisamos perseverar e para isso os Jogos Olímpicos de 1920 são uma oportunidade de afirmação mais clara do valor do desporto e músculo francês.<sup>39</sup>

As Forças Armadas dos EUA foram as grandes vencedoras dos torneios esportivos. Os processos constantes de treinamento es-

pecializado, a prática de diferentes esportes e a disciplina dos militares foram os pontos apresentados pela imprensa como grandes responsáveis pelo sucesso alcançado nos eventos esportivos. Diversos artigos publicados na imprensa francesa ao longo dos anos de 1918 e 1919 defendiam que a França adotasse os modelos de treinamento dos militares dos Estados Unidos como forma de melhoria de seus resultados esportivos. Os EUA tornaram-se, definitivamente, a potência a ser batida após a finalização do evento.<sup>40</sup>

As análises empreendidas ao longo deste artigo buscaram compreender o papel das FFAA estadunidenses na organização dos Jogos Interaliados de 1919. Os militares dos EUA, em parceria com a entidade civil YMCA, foram os principais responsáveis por todas as etapas, como foi possível perceber por meio dos relatos das fontes. A realização de um evento esportivo internacional em território francês naquele momento servia a diferentes objetivos dos EUA. Além das preocupações com questões de moralidade e ocupação do tempo livre, largamente mencionadas nas fontes, pode-se considerar que havia também uma tentativa de estabelecer a construção de uma imagem de potência no novo cenário político que emergia no pós-guerra e a realização dos Jogos Interaliados e os bons resultados alcançados serviram como instrumento de projeção internacional da imagem do país. Tanto nas correspondências e relatórios oficiais a respeito do evento como nas matérias publicadas pela imprensa francesa, foi possível identificar as menções aos benefícios que a realização do evento trariam para a interação entre os países e no desenvolvimento de “amizade”, em uma ênfase na dinâmica das relações internacionais entre os envolvidos. Esses exemplos confirmam a abordagem apresentada anteriormente que compreende essa utilização do esporte e dos eventos como um elemento de política cultural externa por parte dos EUA, buscando o estabelecimento de suas práticas como modelos a serem seguidos naquele novo cenário internacional que se delineava por meio de ações de penetração cultural e da “clientelização” dos países sob sua influência, como ocorreu no caso francês. (SUPPO; LESSA, 2007).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUCHANAN, I. Elwood S. Brown: Missionary extraordinary. *Journal of Olympic History*, v. 6, n. 3, p. 12-13, 1998.

CALADO, C.; FERREIRA, C. *Análise de documentos: método de recolha e análise de dados*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2005.

CANCELLA, K. A Fundação da primeira sede da Associação Cristã de Moços na América Latina e sua atuação como fomentadora da prática esportiva no Rio de Janeiro pós-republicano. Recorde: *Revista de História do Esporte*, v. 3, n. 2, p. 1-38, 2010.

\_\_\_\_\_. *O esporte e as Forças Armadas na Primeira República: das atividades gymnasticas às participações em eventos esportivos internacionais (1890-1922)*. 2013. 219f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

\_\_\_\_\_. *O esporte e as Forças Armadas na Primeira República: das atividades gymnasticas às participações em eventos esportivos internacionais*. Rio de Janeiro: BibliEx, 2014.

GALLICA. La Vie Au Grand Air. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb32888685g/date.item>>. Acesso em: 08 abr. 2016.

GEMS, G. Sport, Colonialism, and the Reconstruction of Nature. In: Congress of the International Society for the History of Physical Education and Sport, 2001, Montpellier, France. *Anais do Congresso of the International Society for the History of Physical Education and Sport*. Montpellier, ago. 2001, p. 28-31.

\_\_\_\_\_. Sport, Colonialism, and United States Imperialism. *Journal of Sport History*, v. 33, n° 1, p. 3-25, 2006.

LUCA, T. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. *Fontes Históricas*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006, p. 111-153.

MELO, V. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 107-120, mar. 2010.

\_\_\_\_\_. Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites. *Movimento*, v. 13, n. 3, p. 11-41, set.-dez. 2007.

MENNELL, J. The Service Football Program of World War I: Its Impact on the Popularity of the Game. *Journal of Sport History*, v. 16, n. 3, p. 248-260, 1989.

PARENTE, P. A construção de uma nova História Militar. *Revista Brasileira de História Militar*. Edição especial de lançamento, p. 1-13, dez. 2009.

PINSKY, C. *Fontes Históricas*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

PRONI, M. W. *Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa*. 1998. 275f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SUPPO, H. R.; LESSA, M. L. O estudo da dimensão cultural nas Relações Internacionais: contribuições teóricas e metodológicas. In: LESSA, M. L.; GONÇALVES, W. S. (Org.) *História das Relações Internacionais: teorias e processos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 223-250.

TERRET, T. Le Comité International Olympique et les "olympiades militaires" de 1919. *Olympika – The International Journal of Olympic Studies*, v. VIII, p. 69-80, 1999.

TOMECS – The Olympic Museum Educational and Cultural Services. *The Modern Olympic Games*. 3a. ed. Lausanne: Graphic Design, 2013.

VELOARCHIVE. Henri Desgrange. Disponível em: <<http://www.veloarchive.com/races/tour/origins.php>>. Acesso em: 08 abr. 2016.

WAQUET, A. *Football en guerre: l'acculturation sportive de la population française pendant la Grande Guerre (1914-1919)*. 2010. 487f. Thèse (Doctorat) – Ecole Doctorale Interdisciplinaire Sciences-Santé, Mention Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives, Université Claude Bernard – Lyon 1, Lyon, 2010.

WAKEFIELD, W. *Playing to win: sports and the American Military, 1898-1945*. Albany: State University of New York Press, 1997.

